



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

GRAVATAÍ, RS, 20 DE JULHO DE 2000

Senhor Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; Senhor Presidente do Conselho de Administração da General Motors Corporation, Jack Smith; Senhores Ministros de Estado; Senhor Prefeito; Senhor Embaixador dos Estados Unidos; Senhores Senadores e Deputados; Senhor Presidente de Operações da GM para a América Latina, Frederick Handerson; Senhores diretores, funcionários e trabalhadores da GM; Senhoras, Senhores,

Hoje, efetivamente, com esta solenidade de inauguração desta fábrica da GM em Gravataí, podemos dizer que celebramos um acontecimento. Permito-me recordar, rapidamente, alguns anos atrás. Eu era Ministro da Fazenda, em 93, até 94. Naquela época, as nossas incertezas eram enormes, de todo tipo. Tínhamos passado por um processo político traumático, pela sucessão compulsória de um presidente por outro e a inflação queimava os recursos, sobretudo dos mais pobres, numa taxa que chegou a alcançar, nos momentos finais, 40% ao mês. Ao ano seria – nem sei calcular – seriam 3.000, 4.000%. Não havia cálculo possível, não havia previsibilidade possível. Vivia-se ao dia-a-dia. O dinheiro, sobretudo dos mais

pobres, do bolso para a rua. Desaparecia como sorvete, no decorrer do dia, por causa da inflação. Muito desânimo no País, muita agitação, muita incerteza, muita insegurança.

Mas este é um grande país. Este é um país que, mesmo nos momentos mais difíceis, encontra caminhos, encontra força, encontra motivação e toma decisões. E, mesmo antes que fosse claro para o País que a decisão então tomada, de estabilizar a economia, era, de fato, a base, o alicerce, o suporte para tudo isso que nós, hoje, podemos fazer; mesmo antes que isso ficasse claro, para muitos, recebi, em meu gabinete, no Ministério da Fazenda, alguns representantes das indústrias de automóveis do Brasil. Alguns deles estão aqui. Não vou citar algum, para não me esquecer de outros.

E, naquele momento, me assustei com os prognósticos que me traziam, de expansão da indústria automobilística. Ocorre que, a despeito da inflação, as empresas brasileiras estavam – e talvez até por causa da inflação – líquidas, tinham recursos. O Estado estava falido, endividado, desorientado. A população empobrecida. Mas algumas empresas haviam conseguido se manter à tona. E me vieram com alguns números, algumas cifras de expansão da produção automobilística. E não só de automóveis, de caminhões, de utilitários e tudo o mais.

Pois bem, me entusiasmei, como costume me entusiasmar. E, assim que pude ter decisões mais fortes sobre o destino da economia brasileira, em todos os momentos acreditei naquilo que o Governador Olívio Dutra acaba de dizer: que era preciso descentralizar.

Sou paulista. Fui Senador por São Paulo. Nascido no Rio, é certo, mas sou paulista. A indústria era muito concentrada em São Paulo. Indústria automobilística havia em São Paulo e começava a haver em Minas Gerais. A decisão foi clara: era preciso descentralizar, desconcentrar. Não para prejuízo de São Paulo. Quem seria eu para propor qualquer coisa que fosse contrário aos interesses do povo do meu estado? Mas tenho a compreensão de que a economia não é um jogo de soma zero. Ao mesmo tempo, muitos podem ganhar. Não é preciso que um perca para que outro ganhe, e há uma interestimulação.

E foi com grande satisfação que, nesses últimos anos, já Presidente da República, pude participar de algumas solenidades como esta. Não fui à solenidade da Mercedes, em Juiz de Fora, porque tive um impedimento, mas lá foi o Vice-Presidente da República. Fui ao Rio, à inauguração, em Resende, em Porto Real, da Volkswagen, que inovava lá. Fui, algumas vezes, ao Paraná, à Renault. A Peugeot veio também. A Fiat aumentou sua produção. A Ford planeja indústrias. São Paulo tem mais emprego, mais plantas industriais, mais fábricas de motores.

Agora, Gravataí. Isso, para mim, tem um significado muito especial, porque é o significado de alguém que crê neste País e que, quando muitos não crêem, continua a acreditar e procura manter o ritmo firme para o Brasil crescer. Nós fizemos isso. Nós crescemos. Hoje, temos uma indústria automobilística renovada, portentosa, que compete, que exporta, que barateia custos, que emprega mais gente.

Mas Gravataí tem também para mim, um significado especial. Em 94 estive aqui, em Gravataí. Um desses centros de tradições gaúchas – hoje, conversava com um Deputado que era, então, Prefeito, aqui – me honrou, entregando uma vestimenta típica de gaúcho, uma pala, que, às vezes, ponho para que me fotografem logo e saio em toda parte, fantasiado de gaúcho, sem o ser, mas, de coração, cheio de querência, Governador.

E aqui, em Gravataí, na campanha, eu disse que ia voltar a Gravataí. Essa é a terceira vez que venho a Gravataí – já foi aqui mencionado. Terceira vez. Sobrevoei essas terras sonhando, então ao meu lado o Governador Antônio Britto, que sonhava como eu, sonhando que aqui haveria um pólo industrial de mais peso.

Voltei aqui, com o Governador Olívio Dutra, para ver o avanço desse pólo. E, outra vez, agora, aqui, verifico já os resultados daquele sonho: a existência de uma fábrica, dita pela palavra do Senhor Smith a mais moderna do sistema General Motors. Altamente competitiva, com *design* brasileiro, com capacidade de juntar – até criaram uma palavra com um sentido novo, sistemistas, que são aqueles que se acoplam para a produção do automóvel. A tal ponto que perguntei a um dos diretores: “Mas aqui fazem o quê? Só juntam peças?” Parece que é bom negócio. Mas os sistemistas vêm também.

Então, vê-se uma renovação da indústria, aqui em Gravataí. Isso tem um significado muito grande, para Gravataí e para o Rio Grande. E, para o Rio Grande que, no meu modo de entender – e não é meu, é nosso, as palavras do Governador eu assino embaixo, repito: as palavras do Governador eu assino embaixo – é o exemplo mais direto do que estamos fazendo no Brasil. E isso é, também, simbólico. É simbólico porque o Governador não pertence ao meu partido. Pertence a um partido que está na oposição. E daí, Governador? Nós somos brasileiros, queremos o bem do Brasil. Vamos unir as forças, quando for necessário. Vamos estar juntos, para o bem do povo. Vamos esquecer os sectarismos, os ódios, as malquerenças, a má-fé, a impostura, quando for para o bem do Brasil.

E há tanta coisa a fazer-se, pelo bem do Brasil. Esta fábrica, esse conjunto – mencionei a indústria automobilística, poderia falar o mesmo sobre a petroquímica. Estivemos juntos, inaugurando a duplicação, aqui, da fábrica da petroquímica do Grupo Ipiranga Odebrecht, faz pouco tempo. E dobramos a capacidade de produção. E a produção foi toda vendida, imediatamente. A expansão quase se esgotou, no ato mesmo de começar a produzir.

Pois bem, o destino do Rio Grande requer esta revitalização. Mas, insisto no que disse o Governador: esta revitalização quer dizer descentralização, também. O Governo Federal não faz outra coisa a não ser descentralizar. A um ponto tal que aquilo que ele faz nem aparece. Porque não é feito, e não deve ser feito, com o propósito de aparecer, como se fosse coisa de uma pessoa ou de um governo. Tem que ser dos vários níveis de governo. O povo acabará por reconhecer que, quando os vários níveis de governo se juntam, o resultado é melhor.

Tem o Pronaf, porque nós não podemos crescer na indústria sem ter a base da produção agrícola familiar. Não havia Pronaf no Brasil. Pronaf, para quem não sabe, é um programa de assistência à unidade familiar de produção. Este ano, nós temos 3 bilhões e 600 milhões de reais para o Pronaf. Destes, uma boa parte – número um entre os estados – é para o Rio Grande. É no Rio Grande, porque o Rio Grande tem condições de absorver.

Mas não é só o Pronaf. O Governador fez menção a algo muito importante, que são as cadeias produtivas. E um país grande como o Brasil só é grande mesmo quando, além da grande empresa, da grande indústria, tem, também, a média e a pequena. E nós temos que dar um grande impulso a isso e criar cadeias produtivas.

Quando entro aqui, e visitei antes as 17 ou 18 unidades que compõem essa planta industrial, vê-se que são várias indústrias separadas. Cada uma delas gera outras tantas. E há que dar uma atenção muito especial àquelas que não estão integradas a uma grande empresa como a General Motors mas que, sim, têm capacidade de gerar emprego, de produzir e de exportar: a indústria do móvel, a indústria do calçado. E tudo isso está renascendo. Está renascendo, repito, porque o Brasil acredita no que está fazendo.

Não foi fácil. Não é nunca fácil. O que não se pode é desanimar. Às vezes bate a crise, como bateu forte, e bateu muitas vezes. Bateu em 94, com a crise do México; bateu em 97, com a crise da Ásia; bateu em 98, com a crise da Rússia. Quando vem um abalo desses, ou se tem convicção e rumo ou o País perde velocidade. E, nos dias que hoje correm, o País não pode perder velocidade. E o País não tem muitas alternativas, senão a de crescer para dentro e para fora. Fazer-se forte no mercado internacional e no mercado local. As diferenças estão sendo cada vez mais tênues. Produz-se aqui e vende-se para a China; produz-se aqui e vende-se para os Estados Unidos ou para a Europa, ou para a Argentina e vice-versa. E esse é o modo atual de produzir. E o Brasil tem que se inserir nessa produção, nessa produção que se globaliza, buscando seus interesses próprios. Seus interesses próprios, disse o Governador, não são os de afastar quem vem para cá produzir. São o de buscar a adaptação dos que para cá vêm aos interesses que são nossos. E, ao juntarmos os nossos esforços, multiplicarmos as nossas chances de uma presença ativa, no mundo contemporâneo.

É este o rumo do que nós estamos tentando fazer no Brasil. Com essas crises, com as dificuldades, o ritmo de crescimento, às vezes, esmorece. Mas, ao esmorecer, num ano – e o ano passado foi dos mais difíceis da nossa História – ainda assim continuamos crescendo.

O Rio Grande cresceu a 3%, o Brasil a 1%. Ao sofrermos qualquer abalo, ao invés de perdermos a confiança, devemos redobrar a aposta, acreditar mais em nós próprios e seguir crescendo.

Este ano, a indústria nacional cresceu a mais de 6% no primeiro semestre. E a inflação foi menos de 1%, a menor, desde muitos e muitos anos, há setenta anos. E, ontem, a taxa de juros voltou ao nível mais baixo da nossa História contemporânea, só igualado em 1986, no momento do Plano Cruzado.

Para que se consiga isso, é preciso ter firmeza, é preciso acreditar, é preciso ter paciência, é preciso temporizar quando é necessário. Mas é preciso, sobretudo, não perder o caminho, não perder o rumo, e entender os processos modernos, entender de que maneira se atua para se transformar um ambiente que, muitas vezes, é hostil, num ambiente mais domesticado, num ambiente que permita um avanço. É o que nós estamos fazendo.

Aqui, em Gravataí, hoje, ao vermos-nos todos juntos, ao ouvir aqueles que são os nossos hospedeiros; ao ouvir as palavras, sempre cordiais para comigo, do Governador Olívio Dutra; ao perceber que, na verdade, quando se quer bem a um povo como eu quero ao Rio Grande, como eu quero ao Brasil, como tenho certeza que todos aqui presentes querem ao seu torrão natal; ao ver que nós somos capazes de negociar, sentar – fizemos isso na dívida. Parecia impossível o Governo Federal – o governo do estado fez o acordo com o Governo Federal – parecia que o mundo ia abaixo. Não vai abaixo, não. Quando se tem lógica, bom senso e boa-fé, e a dou, Governador, quando se tem, se consegue, como se conseguiu agora, aqui, na General Motors.

Então, volto para Brasília ainda mais confiante no Brasil, porque ainda mais confiante no Rio Grande. E que as minhas últimas palavras sejam de reconhecimento ao esforço feito pela Ford, perdão, pela General Motors – quase que lá vai a competição, mas o mundo contemporâneo é assim, a Ford foi para outras paragens – de reconhecimento à General Motors. E devo dizer que o fato de terem acreditado no Brasil e, como dei, aqui, o depoimento, mesmo antes de muitos de nós acreditarmos que fosse possível, é um sinal que nos encoraja.

E a nossa capacidade é hoje demonstrada, de seguir adiante. Temos nossa crença de que, com a reforma tributária, que virá, acabaremos, sim, com a guerra fiscal, porque também sou contrário a ela. Com a capacidade que teremos de criar uma condição macroeconômica positiva para os investimentos, não tenho dúvida: vai se beneficiar a General Motors, vão se beneficiar as competidoras também, vai se beneficiar o governo do estado, vai se beneficiar o Governo Federal mas, sobretudo, é o nosso povo que se beneficia. Temos que gerar mais empregos, mais segurança para as famílias, melhores condições de vida. E isso não se faz senão com esse espírito de entendimento, de crença, de objetivos muito claros e de muita fé no nosso Rio Grande e no nosso Brasil.

Parabéns aos gaúchos! Parabéns a todos da General Motors!